

# ciência

PROFISSIONAIS DO PAÍS QUE ATUAM NA ÁREA ONCOLÓGICA SE DESTACAM NO EXTERIOR



Composição de fotos e imagem gerada por IA

## Made in Brazil

**A**o contrário do imaginado pelo senso comum, nem todas as pesquisas voltadas ao controle do câncer se desenvolvem em laboratórios de universidades estrangeiras ou de grandes indústrias farmacêuticas. As inovações também vêm de profissionais de dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). Isso, de quebra, leva especialistas brasileiros a posições de destaque mundial.

Exemplos concretos não faltam. Com quase quatro décadas dedicadas a estudos sobre câncer, a epidemiologista Gulnar Azevedo e Silva, reitora da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), integra a lista dos 107 cientistas do País que mais influenciam políticas públicas no mundo. O *Relatório Bori-Overton*, publicado em novembro de 2025 pela Agência Bori e pela Overton, plataforma internacional que trabalha com ciência e políticas públicas, identificou os pesquisadores referenciados em documentos estratégicos, relatórios técnicos e pareceres de governos, organismos internacionais e organizações da sociedade civil. Gulnar soma menções em 218 documentos e 19 artigos.

Em dezembro do mesmo ano, a oncologista Clarissa Baldotto, presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (Sboc), foi convidada pela Sociedade Europeia de Oncologia Médica (Esmo, na sigla em inglês) para integrar o grupo internacional de especialistas em câncer de pulmão da entidade. Também na Esmo, Daniel Musse é um dos 15 jovens médicos selecionados para participar do Programa de Liderança (biênio 2025–2026), que busca formar futuros líderes em pesquisa, assistência e inovação em câncer. Já Beatriz Jardim é cientista da Unidade de Detecção Precoce, Prevenção e Infecções da Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (Iarc), da Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 2025.

O Brasil já é considerado um parceiro estratégico na pesquisa oncológica internacional, sendo o único representante da América Latina entre os 30 estados-membros da Iarc. “O País combina tradição científica sólida, capacidade institucional robusta e um sistema de saúde universal que possibilita pesquisas de grande impacto populacional”, afirma a médica epidemiologista Elisabete Weiderpass, primeira brasileira a assumir a direção do órgão.

## DUPLAMENTE RARO

O reconhecimento internacional não apenas dá visibilidade a uma nação e a seus especialistas, como pode quebrar estereótipos e preconceitos. A biomé-

ca Mariana Emerenciano, pesquisadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Oncologia do INCA, é um exemplo disso. Ela, que atualmente trabalha com leucemias agudas pediátricas, é a primeira mulher negra no mundo a integrar o Comitê Científico da Iarc.

A pesquisa sempre esteve em seu horizonte, desde o estágio de iniciação científica. A primeira oportunidade internacional surgiu no doutorado, com um estudo sobre leucemia aguda em bebês de até 12 meses. Trata-se de um câncer muito raro entre os tumores pediátricos, que já são considerados raros. Esse aspecto coloca o Brasil em destaque, por ser populoso e contar com número significativo de casos.

“Podemos enxergar questões que talvez outros países não consigam. Existia essa necessidade de conexão para que se alcançassem números expressivos, por isso éramos procurados por profissionais da Europa e dos Estados Unidos”, diz Mariana. “A raridade do câncer foi uma mola propulsora para cooperações internacionais. A qualidade das pesquisas, ao longo do tempo, permite essa visibilidade.”

## CONTRIBUIÇÃO

Beatriz Jardim chegou a Lyon, na França, em 2023, com o marido e os dois filhos, para fazer pós-doutorado na Iarc. No escopo, estava a estimativa das necessidades na linha de cuidado do câncer do colo do útero de acordo com as heterogeneidades regionais do Brasil. No decorrer do curso, envolveu-se no estudo-piloto de rastreamento do câncer de colo do útero com teste molecular para detecção de DNA-HPV oncogênico, em Pernambuco. A iniciativa ia ao encontro de seu estudo.

“Desenvolvi, com o INCA e em colaboração com a Iarc, a ferramenta que hoje é usada para dimensionar os recursos com a incorporação das novas diretrizes brasileiras para o rastreamento desse tipo de câncer. É uma forma de buscar garantir menos tempo de espera e a efetividade do programa”, diz ela, que, após a conclusão dessa etapa de sua formação, passou por um processo seletivo para trabalhar na Agência.

Antes, Beatriz havia se envolvido num projeto para estimar o impacto da adoção da dose única da vacina contra o HPV, enquanto o Brasil ainda seguia o esquema de duas doses. Um estudo conjunto da Iarc e do INCA concluiu que a mudança teria um impacto real, ajustado à realidade brasileira.

“Eles [pesquisadores da Iarc] precisavam entender



Arquivo pessoal

O pós-doutorado na Iarc permitiu que a cientista Beatriz Jardim aprofundasse seus estudos sobre câncer do colo do útero



“Trazer a experiência do SUS [para a Iarc] possibilitou uma melhor compreensão do nosso contexto e permitiu que a Agência colaborasse de forma mais efetiva para trabalharmos as recomendações no Brasil”

**BEATRIZ JARDIM**, cientista da Unidade de Detecção Precoce, Prevenção e Infecções da Agência Internacional de Pesquisa em Câncer

a nossa realidade, e eu já tinha vivência com bancos de dados e sistemas de informação, após 26 anos no INCA. Trazer a experiência do SUS [para a Iarc] possibilitou uma melhor compreensão do nosso contexto e permitiu que a Agência colaborasse de forma mais efetiva para trabalharmos as recomendações no Brasil”, explica.

## CONSTRUINDO POLÍTICAS

Gulnar Azevedo, além de professora do Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro (IMS/Uerj), integra a Comissão Global Concord-Lancet sobre Câncer, que avalia sobrevivência e mortalidade pela doença. Em sua produção acadêmica em epidemiologia de enfermidades crônicas, o câncer passou a ter mais destaque, com estudos sobre desigualdades sociais e econômicas, acesso aos serviços de saúde, medidas de assistência e atenção oncológica, além de contribuição na elaboração de políticas públicas.

“Sempre tentei fazer pesquisas que se aproximassem de uma aplicação real e pudessem subsidiar o que é necessário. Acho que minha dupla militância, como pesquisadora e profissional ativa na defesa do SUS e da saúde coletiva, impactou [esse percurso]. É uma vida dedicada a isso”, conta.

Os caminhos de Fabio Gomes, assessor regional de Nutrição e Atividade Física da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS), e de Gulnar se cruzaram na salvaguarda dessa pauta. Ela foi sua orientadora no doutorado em Saúde Coletiva, na Uerj.



George Magaraia/Comuns-Uerj

Durante sua trajetória profissional, a epidemiologista Gulnar Azevedo nunca abriu mão do poder do coletivo

“Na minha formação, sempre tive oportunidade de trabalhar com pessoas que tiveram esse trânsito entre a academia e as políticas públicas de maneira bem fluida”, relata o nutricionista.

Seu trabalho de incentivo à alimentação saudável e à prática de atividade física o levou ao reconhecimento. Ele assumiu o desafio de levar a mais nações o que já fazia no INCA: assessorar no desenvolvimento e na implementação de políticas. Suas contribuições em espaços internacionais incluem participação na Comissão pelo Fim da Obesidade Infantil, da OMS, em 2014 — trabalho que rendeu as primeiras recomendações sobre prevenção de obesidade para os países filiados à Organização.

## SOB OLHAR EUROPEU

Assim como Gulnar, Mariana, Beatriz e Fabio, Clarissa Baldotto e Daniel Musse também são destaque no cenário internacional — dessa vez, na Esmo, que tem mais de 50 mil membros pelo mundo e é reconhecida por sua atuação em educação, desenvolvimento profissional e informação em Oncologia.

Clarissa acredita que o convite para integrar o grupo de câncer de pulmão da entidade tem relação com um aspecto que buscou desenvolver ao longo de sua carreira, por meio da dedicação à formação acadêmica, ao ensino e à assistência: o diálogo sem fronteiras sobre questões que têm impacto global.

De 2026 a 2030, ela participará da definição de diretrizes clínicas para o tratamento desse tipo de tumor. “Será uma oportunidade de apresentar a realidade nacional e discuti-la em colaboração, levando em conta questões socioeconômicas”, resume. A oncologista também faz parte do conselho de diretores da

“Um grande desafio, comum a muitas mulheres, é tentar provar o tempo todo que você pode, que merece estar naquele espaço porque tem competência — o que é desigual em comparação aos homens”

**MARIANA EMERENCIANO**, biomédica, pesquisadora do INCA e membro do Comitê Científico da Agência Internacional de Pesquisa em Câncer

Associação Internacional para o Estudo do Câncer de Pulmão (IASLC) e colabora na tomada de decisões, como prioridades de investimento.

Já Musse, do Hospital Federal dos Servidores do Estado e do Instituto D’Or de Pesquisa e Ensino, ambos no Rio de Janeiro, participará, no biênio 2025–2026, de treinamentos em liderança de equipes, abordando questões como formas de lidar com situações difíceis, perfis diferentes de pessoas, comunicação e relacionamento com a mídia. Segundo ele, é um modelo que prima pela liderança a partir do respeito e da admiração do grupo, e não pela intimidação.

“É um orgulho e uma responsabilidade representar o Brasil junto a grandes centros do mundo. É um programa bem extenso e muito motivante porque sabemos a qualidade da oncologia brasileira”, conta o médico, também membro da Sbc, da IASLC e do Global Cancer Institute.

Em sua opinião, o contato internacional é uma forma de “manter a chama acesa” para lidar com os desafios da área oncológica. “É uma dica que dou para meus residentes. Nós temos a porta aberta

para muitos lugares durante a formação. É preciso ter proatividade. Essa talvez seja a grande motivação que eu tive desde cedo. Precisamos dar o primeiro passo.”

## LIÇÃO DE CASA

No caso de Clarissa Baldotto, o estímulo vem também da formação acadêmica. Hoje, além de pesquisadora, ela coordena o Programa de Residência Médica em Oncologia do Instituto D’Or. Na Esmo, vai participar da produção de materiais educacionais para oncologistas de diferentes países. O engajamento pelo tema a fez se inscrever no Comitê de Educação da IASLC.

A partir do aprendizado que tem tido nessas organizações, Clarissa quer influenciar políticas educacionais e de treinamento de novos profissionais. “Não buscava nenhuma dessas posições 20 anos atrás — elas foram acontecendo naturalmente. Existe um caminho que você vai percorrendo, e esses desejos vão aparecendo”, diz.

Natural do interior do Espírito Santo, Clarissa mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar. O valor da educação e do trabalho, aprendido em casa, somou-se à admiração por profissionais que conheceu ao longo da vida. “A medicina, apesar de toda a tecnologia que temos hoje, é uma profissão na qual existe muita mentoria e inspiração numa pessoa próxima. Sempre tem alguém que você admira, com um lado humano ou técnico-científico que te encanta”, destaca.

Estimular a educação e a ciência é algo que Fabio Gomes também aponta como essencial para a projeção internacional. Segundo ele, esse movimento já vem ocorrendo por meio do investimento nas universidades, para além das grandes cidades, valorizando a diversidade e a sociobiodiversidade nacionais — fatores que contribuem para ampliar a capacidade de produzir ciência e reduzir iniquidades.

Mas, para a interlocução com profissionais mundo a fora, é preciso dominar um aspecto: a comunicação em outro idioma, algo que, para Clarissa Baldotto, deve ser estimulado desde a graduação. “A questão da língua ainda é uma barreira, mesmo com a facilidade de tradução. Ter conhecimento, pelo menos, de inglês é um facilitador para se comunicar com profissionais de diversas nacionalidades e abrir possibilidades de inserção internacional”, acredita.

Mesmo sendo uma questão cada vez menos relevante, Mariana Emerenciano reconhece que nem todos têm oportunidade de desenvolver essa habilidade. De família interracial e de classe média, a bio-





A biomédica Mariana Emerenciano tornou-se a primeira mulher negra no mundo a integrar o Comitê Científico da Iarc

médica do INCA foi criada em espaços majoritariamente brancos. O acesso à educação de qualidade, incluindo cursos de inglês, segundo ela, contribuiu para suas conquistas, o que não corresponde à realidade de boa parte das populações minorizadas.

## MISOGINIA E RACISMO

Para chegar aonde está, Gulnar revela que as adversidades reforçaram aquilo em que sempre acreditou e do qual não abriu mão durante sua trajetória: o poder do coletivo. “Houve várias dificuldades, como pessoas que não necessariamente têm a mesma perspectiva que nós. Porque uma coisa é você construir da forma como acredita; outra é construir como eu sempre achei: coletivamente e contando com todo mundo.”

O caminho para chegar “lá fora” não é uma linha reta. Cada trajetória carrega desafios. Muitos deles vão além do individual e, para as mulheres, pode ser particularmente mais complexo. Situações de misoginia e racismo, por exemplo, levaram Mariana Emerenciano à ação — ela é cocriadora e coordenadora da Comissão de Equidade, Diversidade e Inclusão do INCA.

Embora as dificuldades variem de acordo com a área do conhecimento, a idade e o local de atuação, conciliar a vida pessoal e familiar com a profissional é

uma situação já conhecida. A primeira filha de Mariana nasceu em 2007, e a defesa do doutorado ocorreu em 2008. Dois anos depois, veio o segundo filho. O desafio tornou-se um potencializador e a ajudou a entender que tinha o poder e a capacidade de seguir em frente e otimizar o tempo no trabalho. “Eu sou capaz de gerar uma vida, e essa vida eu amamento. É uma coisa um tanto quanto filosófica, mas que para mim foi muito poderosa.”

Para isso, contou com uma rede de apoio. Para fazer o pós-doutorado na Alemanha, seu marido conseguiu licença do trabalho e foi junto para ajudar no cuidado dos filhos. “Um grande desafio, comum a muitas mulheres, é tentar provar o tempo todo que você pode, que merece estar naquele espaço porque tem competência — o que é desigual em comparação aos homens. Há estudos mostrando que as oportunidades de financiamento são menores [para mulheres] e temos menor remuneração. Sem contar as questões de assédio moral e sexual que as mulheres sofrem”, relata a biomédica.

Gulnar Azevedo acrescenta que, muitas vezes, a questão de gênero não é tão visível, mas existe. “Talvez, se eu fosse homem, algumas coisas seriam fáceis, mas consegui contornar e não desistir.”

“A colaboração entre brasileiros e estrangeiros vai permitir uma difusão maior. Não é mais sobre se o conhecimento pertence a um país ou pesquisador — é uma construção coletiva que já não tem mais lugar, nação ou grupo específico (...)”

**FABIO GOMES**, assessor regional de Nutrição e Atividade Física da Organização Pan-Americana da Saúde



O trabalho de incentivo à alimentação saudável levou o nutricionista Fabio Gomes a se tornar assessor na Opas

Apesar dos avanços no apoio a mães pós-gravídicas e pesquisadoras, Mariana percebe que ainda falta um ambiente que acolha a mulher e permita o desenvolvimento de sua potencialidade. Para superar, é necessário sempre muita dedicação. “Talvez muito mais do que um homem. E é injusto, porque, muitas vezes, temos que ser quase ‘extraterrestres’ para conseguir permanecer na carreira científica.”

A presença feminina como liderança “ainda pode causar estranhamento”, comenta Clarissa Baldotto. “Não posso dizer que fui prejudicada, mas você sente, tanto por ser mais jovem quanto por ser uma mulher jovem. A Oncologia é uma especialidade na qual se espera senioridade”, relata a médica, que tem 49 anos.

Ela diz que só decidiu ser mãe após 10 anos de casada, durante o mestrado, e contou com o apoio de pessoas próximas. “Eu tinha condições de ter alguém me ajudando em casa, além da família. Pesa muito, para uma médica, a decisão de quando ter filho ou como dar conta. Se depender só de você, é algo que realmente ainda é muito desafiador”, revela Clarissa, que se orgulha de ser a terceira mulher, em sequência, presidindo a Sbc.

## REDUZINDO INIQUIDADES

Superar barreiras atravessa as trajetórias desses profissionais. Alexandre Ferreira Oliveira, professor e coordenador da disciplina de Oncologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de

Fora (UFJF) e chefe do Serviço de Oncologia do hospital da mesma instituição, teve sua formação em escolas públicas, do ensino fundamental ao doutorado, e soma aberturas de caminhos. Foi o primeiro médico, professor universitário e doutor em sua família. Em 2025, foi eleito o primeiro presidente da Sociedade Mundial de Cirurgia Oncológica (WSSO, na sigla em inglês).

Suas conquistas vão além da qualidade técnica: envolvem professores que possibilitaram uma visão humanística e o trabalho em equipe. Além do apoio familiar, a UFJF e o INCA tiveram papel importante nisso, por serem instituições que possibilitaram encontrar motivação e inspiração em docentes e cirurgiões. “Foi muito trabalho, retidão e, principalmente, entrega. O que eu faço é uma forma de devolver à população tudo aquilo que recebi durante esses anos”, diz.

A WSSO reúne objetivos como cooperação internacional, equidade no acesso ao tratamento do câncer e definição de diretrizes globais de prevenção, diagnóstico e cirurgia. Para isso, unem-se Alemanha, Angola, Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Grécia, Índia, Itália, Nicarágua, Nova Zelândia e Portugal.

A discussão em nível mundial visa desenvolver diretrizes e consensos para padronizar e estruturar a cirurgia oncológica e o tratamento, incluindo a abordagem a temas correlacionados, como prevenção,

“Esse reconhecimento é fruto direto da solidez do Sistema Único de Saúde e da capacidade do Brasil de produzir conhecimento aplicado, sensível às desigualdades regionais e comprometido com a justiça social”

**ELISABETE WEIDERPASS**, médica epidemiologista e diretora da Agência Internacional de Pesquisa em Câncer

diagnóstico e acesso. Esses documentos, além de reduzir custos, devem orientar países em diferentes situações socioeconômicas e contribuir para a redução das desigualdades. Segundo Oliveira, um estudo mostrou que, no mundo, apenas 25% dos pacientes com câncer recebiam tratamento adequado, do diagnóstico à cirurgia. Nos países subdesenvolvidos, o índice pode ser inferior a 5%.

## VALORIZAÇÃO REGIONAL

Daniel Musse conta que, ao longo dos últimos anos, o reconhecimento do Brasil e da América do Sul tem sido crescente, porém os investimentos ainda são mais voltados para Estados Unidos, Europa e países da Ásia, como a China. “Trazeremos [para o exterior] essa boa impressão da oncologia brasileira é algo que vai gerando um impacto positivo.” Entre os 15 jovens médicos escolhidos, ele é o único da América do Sul.



Pelo mundo, Clarissa Baldotto percebe que ainda há certo preconceito, muito por causa do predomínio de europeus e americanos, que possuem produção científica maior e instituições estruturadas há mais tempo. Mas isso está mudando. Sociedades e organizações médicas estão tentando incluir mais a América Latina e outros locais menos representados. “Com isso, conseguimos compartilhar nossos dados, as necessidades regionais, como adaptamos as diretrizes para nossa realidade e colocamos nossos pacientes para participar mais dos estudos de tratamentos inovadores.”

Fabio Gomes acrescenta que há muitas parcerias internacionais que possibilitaram a disseminação de produção de conhecimento e estão dando base para se romper o preconceito em relação ao local de origem das evidências. “A colaboração entre brasileiros e estrangeiros vai permitir uma difusão maior. Não é mais sobre se o conhecimento pertence a um país ou pesquisador — é uma construção coletiva que já não tem mais lugar, nação ou grupo específico, uma massa de conhecimento que ganha o mundo”, diz.

## DIFERENCIAL

Desenvolver pesquisas de alto impacto e abrangência, para a diretora-geral da Iarc, é algo que poucos países conseguem e que o SUS permite. Essa característica desempenha papel essencial na formação dos pesquisadores e na projeção internacional, com brasileiros em grupos técnicos mundo afora liderando pesquisas, desenvolvendo inovações e integrando iniciativas globais da Agência.

“Esse reconhecimento é fruto direto da solidez do Sistema Único de Saúde e da capacidade do Brasil de produzir conhecimento aplicado, sensível às desigualdades regionais e comprometido com a justiça social. Em um contexto global, em que se discute como transformar evidências em políticas eficazes e equitativas, o SUS se destaca como um modelo inspirador, capaz de integrar ciência, gestão e cuidado em benefício de toda a população”, afirma Elisabete Weiderpass. ■

Igor Motay/INCA



Na opinião da epidemiologista Elisabete Weiderpass, o reconhecimento do Brasil no exterior é fruto da solidez do SUS

